



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ana Rita Silva Leonardo

**FUNCIONAMENTO FAMILIAR, DIFERENCIAÇÃO DO
SELF E SATISFAÇÃO COM A VIDA: ESTUDO
EXPLORATÓRIO COM PESSOAS LGB E HETEROSSEXUAIS**

**Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, subárea de
Psicoterapia Sistémica e Familiar orientada pela Professora Doutora Luciana
Sotero e pelo Professor Doutor Jorge Gato apresentada à Faculdade de
Psicologia e Ciências de Educação**

Julho de 2020

Funcionamento familiar, diferenciação do *self* e satisfação com a vida: Estudo exploratório com pessoas LGB e heterossexuais

Resumo: A família, enquanto primeiro grupo social, exerce grande influência no desenvolvimento identitário e global dos seus membros. A presença de uma orientação não-heterossexual entre o sistema familiar pode comprometer o funcionamento familiar e satisfação com a vida, ao longo do tempo. Desta forma, o presente estudo tem como principal objetivo avaliar a influência da orientação sexual no funcionamento familiar e diferenciação do *self* na satisfação com a vida. Esta investigação contou com a participação de 350 participantes, das quais 161 identificam-se como LGB e 189 como heterossexuais, segundo uma amostragem por conveniência e *snowball*. Dos resultados obtidos, não foram encontradas diferenças quanto ao funcionamento familiar entre os dois grupos de participantes. Contudo, a diferenciação do *self* revelou ser um importante fator explicativo da satisfação com a vida, particularmente para os/as participantes LGB. Em suma, espera-se que este estudo enriqueça significativamente a investigação e a prática clínica no âmbito da terapia familiar, colmatando a escassez de estudos e de modelos teóricos que incluam participantes com outras orientações sexuais além da heterossexual.

Palavras-chave: Família; Funcionamento Familiar; Diferenciação do *Self*; Satisfação com a Vida; LGB.

Family functioning, differentiation of the self and satisfaction with life: An exploratory study among LGB and heterosexual people

Abstract: Family, as the first social group, carries out a great influence on the identity and overall development of its members. Moreover, the existence of a non-heterosexual orientation between the family system can compromise family functioning and life satisfaction across time. Therefore, the main goal of this study is to evaluate the influence of sexual orientation on family functioning and the differentiation of the self in satisfaction with life. This research included the participation of 350 participants of which 161 identify themselves as LGB and 189 as heterosexual according to a sample method for convenience and snowball. The results showed that no differences were found in terms of family functioning among the LGB people and heterosexuals. However, the differentiation of the self has revealed to be an important factor explaining life satisfaction particularly in LGB participants. In short, this study is expected to significantly enrich research and clinical practice in the field of family therapy, making up for the small number of studies related to theoretical systemic models in including participants of other sexual orientations than heterosexual.

Key Words: Family; Family Functioning; Differentiation of Self; Satisfaction with Life; LGB.

Agradecimentos

Face a este cenário conturbado que o Mundo enfrenta, urge a necessidade de agradecer, especialmente...

À Doutora Luciana e ao Doutor Jorge pela orientação, rigor, disponibilidade e *expertise*, que permitiu a concretização deste trabalho.

Aos que me acompanharam em Coimbra.

À Maria Inês e à Tânia, continentais que São Miguel me apresentou e quem me fornece constante apoio e muita aprendizagem.

Aos insulares que formam o arquipélago da Amizade na minha vida. Cada qual foi uma ilha com um porto seguro, ao longo desta viagem. Agradecimento especial à Sara, à Beatriz, à Daniela e ao Miguel.

Aos meus Pais, porque sem eles eu não existiria. Ao meu Pai que me guiará para sempre e à minha Mãe, um amparo diário nesta jornada.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
1.1. Emergência de orientações sexuais não normativas	2
1.2. Pessoas LGB e o seu contexto familiar	5
1.2.1. Funcionamento Familiar	6
1.2.2. Diferenciação do Self	7
1.3. Variável individual	9
1.3.1. Satisfação com a Vida	9
II - Objetivos	10
III - Metodologia	10
3.1. Procedimentos de Seleção e Recolha da Amostra	11
3.2. Caracterização da Amostra	11
3.3. Instrumentos	14
3.3.1. Questionário Sociodemográfico e Familiar (QSF)	14
3.3.2. <i>Systemic Core Outcomes and Routine Evaluation – Family of Origin</i> (SCORE-15-FO)	15
3.3.3. Inventário da Diferenciação do Self-Revisto (DSI-R)	15
3.3.5. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)	16
3.4. Análises Estatísticas	17
IV – Resultados	18
4.1. Diferenças nas variáveis familiares em função da orientação sexual	18
4.1.1. Funcionamento Familiar	18
4.1.2. Diferenciação do Self	19
4.2. Variáveis preditoras da Satisfação com a Vida	19
V - Discussão	23
5.1. Limitações do Estudo e Sugestões para Futuras Investigações	27
VI - Conclusões	28
Bibliografia	30
Anexos	37
Anexo A – Apresentação do Estudo e Consentimento Informado	37
Anexo B – Estudo Piloto: Registo das Entrevistas	38
Anexo C – Tabelas de Correlação	39

Introdução

A Psicologia tem contribuído para um maior conhecimento dos desafios enfrentados pelas pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans (LGBT) (Clarke et al., 2010). Apesar de alguns avanços no mundo ocidental, constata-se uma perpetuação de episódios de discriminação e violência contra estas pessoas, exercidos pela sociedade e, frequentemente, pelo próprio sistema familiar (Clarke et al., 2010; Moleiro et al., 2017). As pessoas LGB (lésbicas, gays e bissexuais) estão particularmente vulneráveis a enfrentarem riscos psicossociais acrescidos, decorrentes do estigma existente (Meyer, 2013), quando comparadas com as pessoas heterossexuais (Clarke et al., 2010). A este respeito, quase metade dos portugueses (42%) afirmaram que se sentiriam totalmente desconfortáveis caso algum filho/a seu/sua se relacionasse amorosamente com outra pessoa do mesmo sexo (Eurobarómetro, 2019). Nesta medida, não é de estranhar que as pessoas LGB experienciem maior sofrimento psicológico, rejeição, perda da rede de suporte físico e/ou emocional da família (Moleiro et al., 2017), isolamento e exclusão social (Carneiro, 2009). Adicionalmente, as crises familiares parecem ser frequentes (Kusnetzoff, 1991), sendo o maior conflito com as figuras parentais em comparação a pessoas heterossexuais (Serrano, 2015).

A família gere as crises consoante as suas características, como por exemplo, os recursos para a resolução de problemas, os valores, as crenças e as atitudes (Willoughby, Doty, & Malik, 2008). Um funcionamento familiar pautado por conflito, associa-se a um mau ajustamento psicológico e a uma diferenciação do *self* menos positiva e saudável (Cruz et al., 2014). Entende-se por diferenciação do *self* a capacidade intelectual e individual de pensar, sentir e raciocinar, mantendo uma relação com os elementos da família, independentemente da divergência de crenças, valores e padrões familiares (Bowen, 1978; Skowron & Friedlander, 1998). Por este motivo, cabe à pessoa preservar a sua própria autonomia enquanto mantém as interações com os membros da família de origem (Kerr & Bowen, 1988; Skowron & Friedlander, 1998). Adicionalmente, um funcionamento familiar saudável impulsiona o processo de diferenciação do *self* das gerações mais novas e afeta positivamente a sua saúde psicológica (eg., Bowen, 1978; Chung & Gale,

2008; Fiorini & Bardagi, 2018; Fiorini, Müller, & Bolez, 2018; Skowron & Friedlander, 1998).

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo comparar o funcionamento familiar e a diferenciação do *self* em pessoas LGB e heterossexuais e avaliar a influência da orientação sexual de características sociodemográficas (idade, género, situação relacional e nível de escolaridade), da diferenciação do *self* e do funcionamento familiar na satisfação com a vida.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Emergência de orientações sexuais não normativas

De acordo com a APA (2015), a orientação sexual define-se como a atração romântica, sexual, intelectual e/ou emocional por outra pessoa, e pode assumir diferentes variantes, designadamente: a orientação heterossexual (atração entre pessoas de sexo diferente); a orientação homossexual, mais especificamente lésbica (atração entre duas mulheres) ou *gay* (atração entre dois homens), a orientação bissexual (atração por pessoas de sexo diferente e/ou do mesmo sexo), a orientação pansexual (atração por outra pessoa, independentemente da sua expressão de género, identidade de género e/ou sexo biológico), entre outras (e.g., orientação assexual) (APA, 2015; Rice, 2015). A orientação sexual integra uma das quatro constituintes da identidade sexual humana enquanto característica importante no desenvolvimento do *self* (Clarke, Ellis, Peel, & Riggs, 2010). As restantes constituintes são o sexo biológico (ou caracteres sexuais primários), os papéis de género e a identidade de género (Clarke et al., 2010). A sigla LGB (lésbica, *gay*, bissexuais) será, nesta investigação, utilizada como um termo representativo que inclui as diversas orientações sexuais que não a heterossexual (Clarke et al., 2010). Salienta-se que o termo não é universal, sendo utilizado sobretudo no mundo ocidental e difere consoante o contexto sociocultural e o significado que cada indivíduo atribui à sua própria experiência (APA, 2008; Clarke et al., 2010).

Em 1952, a homossexualidade foi integrada como patologia mental, na segunda edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-II), devido aos resultados do estudo de Kinsey (Clarke et al., 2010). Apesar do resultado do referido estudo procurar a normalização da homossexualidade, a forma como estes resultados foram interpretados pelos

Funcionamento familiar, diferenciação do *self* e satisfação com a vida: Estudo exploratório com pessoas LGB e heterossexuais

Ana Rita Silva Leonardo (e-mail: anarsl79@gmail.com) 2020

profissionais de saúde mental deram uma conotação à homossexualidade enquanto uma prática “anormal” e doença mental (Clarke et al., 2010). Em função disto, as discussões da comunidade científica e académica geravam estudos focados essencialmente na verificação de diferenças sobre o ajustamento psicológico entre a homossexualidade e heterossexualidade, na averiguação das causas da homossexualidade e, também, na apresentação de terapias como forma de cura da homossexualidade como patologia mental (e.g., terapias de reconversão, ainda atuais, e/ou tratamentos hormonais) (Moleiro et al., 2017). Salienta-se ainda que, estas investigações eram geralmente feitas com indivíduos com diagnóstico de doença mental que se encontravam em prisões ou unidades de tratamento psiquiátrico (Bohan, 1996).

Hooker (1957) concluiu que não existiam diferenças ao nível do ajustamento psicológico entre homossexuais e heterossexuais e que a homossexualidade não era uma doença mental (Clarke et al., 2010). Doravante, a homossexualidade deixou progressivamente de ser qualificada como doença mental, sendo removida do DSM (APA, 1973) e, posteriormente, do *World Health Organisation's International Classification of Diseases*, em 1993 (ICD) (Clarke et al., 2010).

Entre os modelos explicativos do desenvolvimento da identidade homossexual (lésbica e *gay*), dos quais se salienta o modelo de Cass (1979) composto por seis etapas, sendo elas: (1) a confusão com a identidade – quando a pessoa se consciencializa de que poderá ser homossexual; (2) a comparação com a identidade – quando há um sentimento de incoerência e de alinação dos pares face à sua perceção do *self* enquanto homossexual; (3) a tolerância com a identidade – em que ocorre uma aceitação da autoimagem e da representação social e a procura de grupos de pessoas com as mesmas características; (4) a aceitação da identidade – acresce o contacto regular com outras pessoas homossexuais e é desenvolvido o sentimento de pertença; (5) o orgulho – quando é fomentado um sentido de identidade de grupo em que pessoa; e, por último, (6) a sintetização da identidade - quando a homossexualidade é integrada na sua identidade (Cass, 1979). Geralmente, estas etapas decorrem durante o período da adolescência e/ou adultez emergente (Worthington, Savoy, & Hampton, 2008).

Sendo um modelo dicotômico explicativo da homossexualidade masculina e feminina, o modelo de Cass (1979) não teve em consideração a bissexualidade como orientação sexual duradora, mas sim como um período ambíguo ao longo do processo de integração da identidade (Gurevich, Bower, Mathieson, & Dhayanandhan, 2007). Neste sentido, as experiências sexuais de pessoas bissexuais foram discriminadas e ignoradas no âmbito das investigações que abordavam a orientação sexual (Weiss, 2004).

Sabe-se que a revelação da orientação sexual a outras pessoas do meio envolvente, denominado de *coming out* (Cass, 1979; Savin-Williams, 1988), é uma etapa positiva na saúde mental e no bem-estar pessoal de pessoas LGB, embora na literatura os estudos nesta temática se foquem principalmente nos aspetos negativos (Clarke et al., 2010). Assim, o modelo de Cass (1979) revelou-se fundamental para a compreensão de que a escolha de revelar a identidade a outras pessoas (*coming out*) é um processo complexo que extravasa a orientação sexual da pessoa, pois depende de fatores como o contexto familiar e/ou socio-político (Clarke et al., 2010). É uma etapa em que as pessoas LGB estão particularmente vulneráveis a reações na forma de discriminação e violência física e/ou verbal, prejudicando a sua saúde e o bem-estar psicológico (APA, 2008).

Atualmente, com a visibilidade de outras variantes da orientação sexual (e.g. orientação sexual pansexual), novas investigações apontam para vivência e experiência da sexualidade como algo fluído ao longo do tempo (Diamond, 2006). Esta noção de fluidez sexual elucida que a identidade sexual, ao nível da atração e da prática sexual de uma pessoa, não é constante e pode mudar ao longo da vida (Clarke et al., 2010). Conforme alguns autores defendem, os/as jovens LGB exploram a sua sexualidade como um processo contínuo quando são comparados com pessoas heterossexuais, e desafiam a ideia de que a orientação sexual não é definitiva e inalterável (APA, 2008; 2015; Arrieta & Palladino, 2015; Clarke et al., 2010; Henrichson, 2008). Por exemplo, pessoas que se identificavam como lésbicas ou *gays* poderão se questionar, ao longo do tempo, se se identificam com outra orientação sexual. Nestes estudos, constata-se que há jovens que rejeitam a rotulação de lésbica, *gay* ou bissexual, ainda que, em simultâneo, se sintam atraídos e/ou efetuem práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo (Cohler & Hammack, 2007), contrariando a exatidão do modelo de Cass. Por exemplo, mulheres

heterossexuais quando comparadas com homens heterossexuais mais facilmente se envolvem, sexual ou romanticamente, com outras pessoas do mesmo sexo, embora não se identifiquem com a orientação bissexual (Diamond, 2007).

Basicamente, ao longo da última década, tem-se observado uma evolução das experiências sexuais e do desenvolvimento da identidade de pessoas LGB justificada, em parte, por mudanças sociopolíticas na sociedade ocidental (Clarke et al., 2010). Em contrapartida, importa referir que a investigação, nos últimos anos, tem-se reportado maioritariamente a aspetos negativos das identidades não-heterossexuais e carece de estudos que compreendam fatores cognitivos, como a resiliência, os recursos de pessoas LGB (Savin-Williams, 2001), ou a exploração de dimensões familiares e/ou da sua satisfação com a vida.

1.2. Pessoas LGB e o seu contexto familiar

De um ponto de vista sistémico, a família é um sistema definido por uma rede complexa de relações em que cada elemento contribui para a formação do todo familiar (Alarcão, 2006). Contudo, a definição de família está sujeita ao significado que cada indivíduo lhe atribui, a partir das suas próprias experiências (Oliveira, Sá Machado, & Neves, 2012). Uma definição mais lata do conceito de família extravasa laços de sangue, de casamento ou de adoção, ao envolver novos vínculos provenientes das relações com o meio, consoante a história familiar, o contexto e os valores socioculturais, ao longo das gerações e das etapas do ciclo vital da família e ao longo do desenvolvimento e formação da sua identidade (Alarcão, 2006; Relvas, 1996).

São escassos os estudos sobre famílias de pessoas LGB (Bregaman, Malik, Page, Mkyne, & Lindahl, 2013). A grande maioria da investigação que o realiza, tem focado a sua atenção apenas em aspetos relacionados com atitudes negativas por parte da família especialmente durante o *coming out* (Clarke et al., 2010), uma vez que nem todas as famílias protegem adequadamente os membros que se identificam como LGB, nem lhes transmitem um sentimento de pertença no sistema (Sampaio & Gameiro, 1985). Assim, o *coming out* pode originar uma crise familiar (Kusnetzoff, 1991), perda do suporte familiar (Clarke et al., 2010; Frazão & Rosário, 2008) e contribuir para o isolamento e exclusão social das pessoas LGB (Carneiro,

2009). Contudo, contrariamente a esta visão, Kurashige e Reis (2010) afirmam que muitos/as jovens LGB valorizam a relação com a sua família. De um modo geral, os jovens experienciam maior autoestima e bem-estar através de relações familiares positivas (Morais, 2016). Assim, a forma como as famílias se relacionam e integram os elementos LGB no sistema, depende de várias características do próprio sistema familiar, nomeadamente os recursos para a resolução de problemas, os valores, as crenças e atitudes face à diversidade sexual (Willoughby, Doty, & Malik, 2008).

1.2.1. Funcionamento Familiar

O conceito de funcionamento familiar é determinado a partir da relação entre os padrões de interação entre os subsistemas que compõe o sistema familiar (e.g. parental, filial, fraternal) (Baker, 2002) e o ajustamento individual a respeito do bem-estar psicológico de cada um dos membros da família (Bowen, 1978). De acordo com Souza, Abade, Migliorini, Silva e Furtado (2010), não existe uma definição unânime do que é um funcionamento familiar saudável. Contudo, na perspectiva de alguns investigadores, um funcionamento familiar saudável implica diversos aspetos, nomeadamente: (1) fronteiras emocionais claras entre os membros da família, (2) apoio mútuo e aceitação de mudanças que facilitam uma diferenciação positiva relativamente aos membros da família de origem (Fiorini, Müller, & Bolez, 2018), (3) boa comunicação e (4) flexibilidade de regras e de afetos (Queba, 2014). Por oposição, um funcionamento familiar pautado por conflito associa-se a um mau ajustamento psicológico e a uma diferenciação do *self* menos positiva e saudável (Cruz et al., 2014).

O funcionamento familiar depende de determinados aspetos, tais como o nível de conflito, a capacidade de resolução de problemas e a comunicação na família (Minuchin, 1982; Minuchin, Lee, & Simon, 2008). Segundo o modelo de funcionamento familiar de Bland, Janes e Lack (2010), existem três fatores do sistema familiar que determinam o seu funcionamento: (1) os recursos familiares, associados à capacidade de adaptação da família; (2) a comunicação entre os membros da família; e (3) as dificuldades familiares, associadas à sobrecarga do sistema (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014). Na investigação, a comunicação surge, frequentemente, como a base do funcionamento familiar (Cruz, Narciso, Pereira, & Sampaio, 2014).

Segundo Frazão e Rosário (2008), o funcionamento familiar de famílias cujos membros se identificam como heterossexuais não difere das famílias com membros LGB. Todavia, alguns estudos indicam que as pessoas não-heterossexuais apresentam maior conflito com as figuras parentais do que os sujeitos heterossexuais (e.g., Serrano, 2015). A revelação de qualquer orientação sexual que não a heterossexual requer, nalguns casos, uma reorganização e reestruturação identitária dos pais baseada no confronto dos próprios preconceitos, assim como o luto das expectativas para com o filho não-heterossexual (Saavedra & Ferreira, 2013). Neste sentido, o funcionamento familiar parece ser dependente da expressão emocional das próprias figuras parentais. Ou seja, figuras parentais com experiências emocionais mais rígidas tendem a ser menos flexíveis quanto às suas crenças e menos adaptáveis às mudanças (Goodrich & Gilbride, 2010).

1.2.2. Diferenciação do *Self*

O conceito de diferenciação do *self* é importante para avaliar o funcionamento familiar e individual (Chung & Gale, 2008; Williamson & Bray, 1988). A família, enquanto o primeiro grupo de socialização do ser humano, assume um papel fundamental no seu processo de aprendizagem e de desenvolvimento global (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Uma criança quando nasce está dependente dos seus cuidados e vive, inicialmente, indiferenciada da família (Bowen, 1978; Martins, Rabinovich, & Silva, 2008). O seu *self* evolui em consonância com o tempo, o espaço e as etapas do ciclo vital da família ao longo das gerações, sujeitando-se a fatores de *stress* como a ansiedade e o conflito familiar (Carter & Mcgoldrick, 1995).

Bowen (1978) defende que a diferenciação do *self*, devido ao seu carácter universal, é uma das teorias mais amplas do comportamento humano. Este construto define-se como uma característica da personalidade de um indivíduo que envolve, a nível intrapsíquico, a capacidade intelectual e individual de pensar, sentir e raciocinar e a manutenção das relações com os elementos da família de origem, a nível emocional (Kerr & Bowen, 1988). O autor advoga, também, que a família, enquanto unidade emocional, é afetada pelos pensamentos, sentimentos e ações de cada membro (Kerr, 2000). A individualidade auxilia a pessoa a desenvolver a capacidade de pensar, agir e sentir por si própria, enquanto a proximidade a mantém emocionalmente

ligada à família (Kerr & Bowen, 1988). De acordo com o autor, a diferenciação do *self* é um processo evolutivo que define a capacidade de o indivíduo preservar a sua própria autonomia, funcionamento emocional, intelectual e intimidade nas interações com os membros da família de origem e com o meio exterior (Kerr & Bowen, 1988; Skowron & Friedlander, 1998). Embora seja um processo evolutivo, a diferenciação, normalmente, é estabelecida durante a etapa do desenvolvimento jovem adulto, quando ocorre uma separação emocional e/ou física da família de origem (Carter & McGoldrick, 1995).

Assim, a diferenciação do *self* revela-se fundamental para a saúde mental, na medida em que permite compreender como o sujeito se sente e pensa de forma autónoma e como mantém, concomitantemente, uma relação de proximidade com a família de origem independentemente das crenças e padrões da mesma (Bowen, 1978; Skowron & Friedlander, 1998). Nesta lógica, pessoas diferenciadas distinguem facilmente os seus sentimentos dos da família de origem e conservam um *self* sólido na relação com os outros (Skowron, Homes, & Sabatelli, 2003). Para além disso, são capazes de lidar facilmente com a ambiguidade, são impermeáveis à influência dos outros, nomeadamente nas relações íntimas com a família, e demonstram maior capacidade de autonomia e adaptabilidade para encarar o *stress* e as crises familiares (Alarcão, 2006; Williamson & Bray, 1998). Esta relação pressupõe que não ocorra um *cut-off* emocional entre os membros da família, nem que a relação com a família de origem comprometa a identidade de um dos membros (Jenkins, Buboltz, Schwartz, & Johnson, 2005). Contrariamente, pessoas menos diferenciadas sentem-se emocionalmente dependentes, não se sentem confortáveis com a sua identidade na presença de outros, são mais permeáveis à influência dos membros da família de origem, além de que estão vulneráveis a desenvolver doenças físicas, psicológicas e/ou emocionais (LaSala, 2000).

Na revisão da literatura observa-se um crescente interesse em estudar o conceito de diferenciação do *self*, particularmente no contexto das relações conjugais heterossexuais, das relações entre pais e filhos, das diferenças entre géneros (feminino e masculino) e de idades (Neves, 2011). Porém, são escassos os estudos que avaliem a diferenciação em função da orientação sexual. Um dos poucos estudos da revisão da literatura inclui a participação de casais lésbicos, cujos resultados do estudo apontam para níveis elevados

de *cut-off* emocional quando comparadas com outros casais heterossexuais (Spencer & Brown, 2007).

No contexto de relacionamentos entre casais heterossexuais, as mulheres demonstram ser mais diferenciadas e autónomas, não experienciam medo de abandono ou fusão relacional relativamente aos membros da família de origem, preservam a sua identidade e mantém um *self* sólido nas suas relações íntimas, embora deem maior importância às relações com os outros do que os indivíduos do género masculino (Skowron & Friedlander, 1998). Contrariamente, no estudo de Peleg (2008) mulheres e homens apresentam menores níveis de *cut-off* emocional relativamente aos elementos da família de origem, mas são os homens quem apresenta um nível elevado de posição do *self* na família e maior capacidade de resolução de problemas. Estas diferenças podem estar associadas a outros fatores, nomeadamente biológicos e socioculturais, no que concerne aos papéis e expectativas de género das relações conjugais heterossexuais (Peleg, 2008). No mesmo seguimento, outras investigações reportam que os homens demonstram maior capacidade de resolução de problemas e de desenvolverem um *self* sólido quando comparados com as mulheres, devido aos níveis mais baixos de reatividade emocional (e.g., Skowron, Holmes, & Sabatelli, 2003; Skowron & Schmitt, 2003).

Ressalva-se que as investigações no âmbito do estudo da diferenciação do *self* e do funcionamento familiar são escassas. Não obstante, os estudos de Bowen (1978) e outros autores (e.g., Chung & Gale, 2008; Fiorini & Bardagi, 2018; Fiorini, Müller, & Bolez, 2018; Skowron & Friedlander, 1998) indicam que sistemas familiares, cujo funcionamento se retrata como saudável, impulsionam a diferenciação do *self* das gerações mais novas, contribuindo para a níveis mais elevados de saúde mental entre os membros do sistema familiar.

1.3. Variável individual

1.3.1. Satisfação com a Vida

A satisfação com a vida corresponde ao juízo cognitivo e subjetivo que um indivíduo estabelece sobre a sua qualidade de vida, sem se dirigir a fatores externos específicos, como questões de saúde ou económicos (Barros, 1985; Simões, Simões, & Simões, 1992).

Na literatura são variadas as investigações que relacionam a orientação sexual com a satisfação com a vida, porém focam-se, essencialmente, na etapa do *coming out*. Alguns estudos apontam que, após o momento de revelação (*coming out*), as pessoas não-heterossexuais evidenciam níveis mais elevados de satisfação com a vida e de saúde mental (Baiocco, Fontanesi, Santamaria, & Ioverno, 2015; Ferreira, 2012; LaSala, 2000).

No que diz respeito às relações familiares, os autores Balsam e Mohr (2007), Gray e Moore (2018) sustentam que o sentimento de pertença num meio envolvente saudável e o suporte familiar e social, constituem-se fatores promotores de níveis elevados de bem-estar psicológico e de satisfação ao longo da vida. Na sequência destes resultados, Gillespie, Frederick, Harari e Grov (2015) verificam que não existem diferenças ao nível de satisfação com a vida entre pessoas LGB e heterossexuais. Contrariamente, o estudo levado a cabo por Hu e Wang (2013), pessoas LGB que se preocupam com a opinião dos membros da família sobre a sua orientação sexual, apresentam níveis inferiores de satisfação com a vida.

II - Objetivos

Deste modo, a presente investigação tem como principal objetivo avaliar a influência da orientação sexual no funcionamento familiar, na diferenciação do *self* e na satisfação com a vida. Pretende-se, especificamente, comparar o funcionamento familiar e a diferenciação do *self* entre pessoas LGBs e heterossexuais.

Constituiu-se, igualmente, como objetivo deste estudo identificar as variáveis sociodemográficas (orientação sexual, género, idade, situação relacional e nível de escolaridade) e as variáveis familiares (funcionamento familiar e diferenciação do *self*) que influenciam a satisfação com a vida na amostra global e em cada uma das subamostras (LGB e heterossexuais).

III - Metodologia

Neste ponto, primeiramente são descritos os procedimentos de seleção e de recolha da amostra e é feita a respetiva caracterização. De seguida, são apresentados os instrumentos utilizados no protocolo de investigação. Por

último, são apresentadas as análises estatísticas realizadas na presente investigação.

3.1. Procedimentos de Seleção e Recolha da Amostra

Posteriormente à obtenção da devida autorização dos autores para a utilização dos instrumentos, procedeu-se à construção do protocolo de investigação e definiram-se os critérios de inclusão e os métodos de recolha da amostra. Os critérios de inclusão estabelecidos foram os seguintes: (1) ter pelos menos 18 anos de idade, inclusive e (2) residência em Portugal. De modo a cumprir com os habituais requisitos de uma investigação, elaborou-se o Consentimento Informado (cf. Anexo A) com o objetivo de elucidar os/as participantes sobre o objetivo geral do estudo, o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, assim como o caráter voluntário da sua participação.

Previamente à aplicação do protocolo de investigação, foi feito um estudo piloto com quatro participantes (duas pessoas *gays* e duas pessoas heterossexuais) (cf. Anexo B). Neste estudo inicial, foi realizada uma entrevista de reflexão oral a cada participante (sendo que duas das entrevistas foram efetuadas pela mestranda), com o propósito de apurar a validade facial dos instrumentos. Posto isto, foram registados os seguintes aspetos: (1) o tempo médio de resposta; (2) observações a apontar sobre a introdução ao protocolo concretamente sobre o esclarecimento do objetivo e das instruções do respetivo preenchimento; (3) observações a apontar sobre os itens do questionário quanto à sua clareza, adequação e redundância; e (4) sugestões de reformulação. Concluída esta fase, procedeu-se à construção e organização do protocolo *on-line*, recorrendo ao *software Limesurvey*.

Posteriormente, deu-se início à recolha dos dados através de um método de amostragem por conveniência e *snowball*, a partir da divulgação do estudo nas redes pessoais de contactos da mestranda. O processo de recolha da amostra decorreu entre dezembro de 2019 e maio de 2020 em diversas plataformas de redes sociais *on-line* (e.g., *Facebook* e *Instagram*) e com o apoio de divulgação de associações LGBT+.

3.2. Caraterização da Amostra

A amostra compõe-se por 350 participantes, 189 (54%) pessoas heterossexuais e 161 (46%) pessoas LGB, das quais 66 (18.9%) identificam-

Funcionamento familiar, diferenciação do *self* e satisfação com a vida: Estudo exploratório com

peças LGB e heterossexuais

Ana Rita Silva Leonardo (e-mail: anarsl79@gmail.com) 2020

se como *gay*, 78 (22.3%) como bissexuais e pansexuais e 45 (12.9%) como lésbicas. A amostra é constituída por 223 (63.7%) mulheres e 127 (36.3%) homens, com idades compreendidas entre 18 anos e 70 anos ($M = 28.45$, $DP = 10.72$), sendo que a maioria se encontra na classe etária dos 18 e 30 anos de idade ($n = 253$, 72.3%). Sobre o distrito de residência, metade da amostra reside na região Norte ($n = 158$, 45.4%) e no Alentejo ($n = 69$, 19.7%), maioritariamente em zonas urbanas ($n = 195$, 55.7%) (cf. Tabela 1).

Quanto ao nível de escolaridade, o ensino superior é o mais representado ($n = 234$, 66.9%), sendo que 147 (42%) são estudantes e 129 (36.9%) encontram-se empregados/as. No que concerne à situação relacional, a maioria encontra-se numa relação ($n = 182$, 52%).

Quanto à coabitação, quase metade ($n = 159$, 45.4%) vive atualmente com as figuras paternas e 73 (20.9%) participantes com o/a namorado/a ou esposo/a. Relativamente ao nível de escolaridade dos pais, obteve-se que grande parte dos pais concluiu o 12º ano ($n = 76$, 21.7%), tal como a maioria das mães terminou o 12º ano ($n = 86$, 24.7%) (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da Amostra: Variáveis Sociodemográficas da amostra

		<i>n</i>	Percentagem %
Género	Feminino	223	63.7
	Masculino	127	36.3
Orientação Sexual	LGB	189	54
	Heterossexual	161	46
Classe Etária	18-30	253	72.3
	31-40	45	12.9
	41-50	31	8.9
	51-60	15	4.3
	60-71	6	1.7
Distrito de Residência	R. A. Açores	48	13.7
	R. A. Madeira	5	1.4
	Norte	146	41.7
	Centro	52	14.9
	Lisboa e Vale do Tejo	23	6.6
	Alentejo	69	19.7
	Algarve	7	2.0
Zona de Residência	Urbana	196	55.7
	Moderadamente Urbana	94	26.9
	Rural	61	17.4
Nível de Escolaridade	Até ao 9º ano	11	3.1
	12º ano	78	22.3
	Curso Profissional	26	7.4
	Ensino Superior	234	66.9
	Sem resposta	1	0.3
Situação Relacional	Solteiro/a, Divorciado/a, Separado/a ou Viúvo/a	168	48
	Numa relação	182	52
	Estudante	147	42
Situação Ocupacional	Empregado/a	129	36.9
	Desempregado/a	36	10.3
	Estuda e Trabalha	16	4.6
	Sem resposta	2	6.3
Com quem coabita	Com as figuras paternas	159	45.4
	Com um ou mais amigos/as	41	11.7
	Sozinho/a	45	12.9
	Com namorado/a ou esposo/a	73	20.9
	Numa residência universitária	8	2.3
	Outro	24	6.9

Tabela 2. Variáveis familiares da amostra

		<i>n</i>	Porcentagem (%)
Nível de Escolaridade do Pai	4º ano	60	17.1
	6º ano	47	13.4
	9º ano	62	17.7
	12º ano	76	21.7
	Licenciatura	56	16
	Mestrado	16	4.6
	Doutoramento	7	2
	Sem resposta	26	7.4
Nível de Escolaridade da Mãe	4º ano	50	14.3
	6º ano	32	9.1
	9º ano	68	19.4
	12º ano	87	24.9
	Licenciatura	67	19.1
	Mestrado	17	4.9
	Doutoramento	6	1.7
	Sem resposta	23	6.6

3.3. Instrumentos

O protocolo do presente estudo é constituído por um Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares e por três instrumentos de autorresposta.

3.3.1. Questionário Sociodemográfico e Familiar (QSF)

Este questionário de avaliação de variáveis sociodemográficas e familiares foi construído para o presente estudo e permitiu recolher informações necessárias para a caracterização da presente amostra, nomeadamente: identidade de género, orientação sexual, classe etária, distrito e área de residência, nível de escolaridade dos/as participantes e das suas figuras parentais, a situação ocupacional e situação relacional.

3.3.2. Systemic Core Outcomes and Routine Evaluation – Family of Origin (SCORE-15-FO; Relvas, Baião-Tragedo, Fonseca, Vilaça, & Silva, 2017)

O SCORE-15-FO é uma adaptação da versão do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15; Stratton, Bland, Janes, & Lask, 2010; Vilaça, Silva, & Relvas, 2014) focada na família de origem. Ou seja, esta escala tem como objetivo avaliar diversos aspetos do funcionamento familiar da família de origem, de acordo com a vivência familiar de cada participante (Vilaça et al., 2014).

O SCORE-15-FO tem uma estrutura fatorial composta por três dimensões, nomeadamente Recursos Familiares (RF); Comunicação Familiar (CF) e Dificuldades Familiares (DF) (Vilaça et al., 2014). A escala total integra 15 itens distribuídos equitativamente por estas três dimensões. Os itens são pontuados segundo uma escala de autorresposta de *Likert* de 5 pontos, que varia entre 1 (*Descreve-nos muito bem*) e 5 (*Descreve-nos muito mal*) conforme o grau em que cada afirmação descreve a família de origem do participante. Relativamente à interpretação dos resultados, pontuações elevadas significam um pior funcionamento familiar da família de origem.

No que diz respeito à consistência interna, os estudos originais do SCORE-15-FO indicam que a escala total obteve uma boa consistência interna ($\alpha = .90$), tal como as dimensões: (1) Recursos Familiares ($\alpha = .84$) e (2) Comunicação Familiar ($\alpha = .87$), contrariamente à dimensão (3) Dificuldades Familiares que obteve um nível de consistência interna razoável ($\alpha = .72$) (Rocha, 2018). O presente estudo, apresenta muito bons valores de consistência interna (valor de alfa de *Cronbach*) para a escala total ($\alpha = .94$), semelhante às dimensões: (1) Recursos Familiares ($\alpha = .89$), (2) Comunicação Familiar ($\alpha = .82$) e (3) Dificuldades Familiares ($\alpha = .90$).

3.3.3. Inventário da Diferenciação do Self-Revisto (DSI-R; Sloan & van Dierendonck, 2016; versão portuguesa de Relvas, Fonseca, Baião-Tragedo, Major, Miranda, & Rodríguez-González, 2017)

Para avaliar a diferenciação do *self* utilizou-se a versão reduzida do Inventário da Diferenciação do *Self*-Revisto (Relvas, et al., 2017), a versão portuguesa do *Differentiation of Self Inventory - Revised* (DSI-R; Sloan & van Dierendonck, 2016).

Este um instrumento de autorresposta é composto por 20 itens, segundo uma escala de tipo *Likert* que varia de 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 6 (*Muito verdadeiro para mim*). Estes itens estão distribuídos por quatro subescalas: (1) Reatividade Emocional (RE); (2) Posição do “Eu” (PE); (3) *Cut-off* Emocional (CE) e (4) Fusão com os Outros (FO). Esta escala tem como objetivo avaliar a diferenciação do *self* do participante abrangendo questões sobre si próprio e sobre a relação com a sua família de origem. A interpretação dos resultados da escala e das respetivas subescalas é feita tendo em conta que pontuações maiores correspondem a maior diferenciação do *self* (Relvas et al., 2017).

Relativamente à consistência interna, a versão reduzida revelou uma consistência interna aceitável (valor de alfa de *Cronbach*), tanto para a escala total ($\alpha = .90$) como para os respetivos fatores (RE, $\alpha = .85$; PE, $\alpha = .70$; CE, $\alpha = .76$; FO, $\alpha = .76$) (Sloan & van Dierendonck, 2016). No presente estudo, a escala total registou um valor de consistência bom de $\alpha = .86$, tal como a dimensão (1) da Reatividade Emocional ($\alpha = .82$). Contrariamente, as dimensões: (2) Posição do “Eu”, (3) *Cut-off* Emocional e (4) Fusão com os Outros não obtiveram valores de consistência interna aceitáveis ($\alpha = .56$; $\alpha = .62$ e $\alpha = .65$, respetivamente).

3.3.5. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985; versão portuguesa de Neto, Barros, & Barros, 1990)

Para avaliar a satisfação com a vida, utilizou-se a versão portuguesa da *Satisfaction With Life Scale* (SWLS; Diener et al., 1985), a Escala de Satisfação com a Vida adaptada por Neto, Barros e Barros (1990). A SWLS tem o propósito de avaliar o bem-estar subjetivo, acedendo a dimensões cognitivas e emocionais da vida dos/as participantes (Neto, 1993).

Trata-se de um instrumento de autorresposta, unifatorial, composto por 5 itens cuja pontuação varia entre 1 (*Discordo fortemente*) e 7 (*Concordo fortemente*), segundo uma escala tipo *Likert* (Neto, et al., 1990). Quanto à interpretação desta escala, pontuações mais elevadas significam uma maior satisfação com a vida. A versão original desta escala apresenta seis pontos de corte: (1) pontuação entre 5 a 9 indica extrema insatisfação com a vida; (2) entre 10 a 14 indica igual insatisfação; (3) entre 15 a 20 aponta para ligeira insatisfação; (4) entre 21 e 25 indica ligeira satisfação; (5) entre 26 e 30

satisfação; e (6) entre 31 e 35 extrema satisfação (Pavot & Diener, 1993). Contudo, a versão portuguesa desta escala não apresenta pontes de corte (Neto, et al., 1990).

De acordo com os estudos originais, este instrumento apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .87$) (Diener et al., 1985). Na versão portuguesa (Neto et al., 1990) exibe uma consistência interna (valor de alfa de *Cronbach*) razoável ($\alpha = .78$). No presente estudo, a escala total da SWLS apresenta um bom coeficiente de consistência interna de $\alpha = .85$.

3.4. Análises Estatísticas

Após a recolha da amostra, os dados foram imputados do *Limesurvey*, processados e tratados estatisticamente no programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 25).

Primeiramente, foi averiguada a normalidade da distribuição dos dados recolhidos com recurso aos valores do teste de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*, que sugerem que as variáveis não apresentam uma distribuição normal ($p < .05$). Pallant (2005) e Maroco (2007) alertam para a não utilização de testes paramétricos em comparação com os testes não-paramétricos. No entanto, evocando o Teorema do Limite Central para amostras superiores a 30 casos, a violação dos pressupostos da normalidade não coloca em causa as conclusões retiradas (Gravetter & Wallnau, 2014). Neste sentido, optou-se pela utilização de testes paramétricos, uma vez que estes se mostram mais robustos (Maroco, 2007).

De modo a comparar o funcionamento familiar e a diferenciação do *self* em função da orientação sexual, utilizou-se o teste *t-student* para amostras independentes. De acordo com Pallant (2011), este teste tem o propósito de comparar os resultados médios de dois grupos diferentes de participantes. Nesta lógica, foi também analisada a magnitude do efeito através do valor do *d* de *Cohen*, nos resultados em que se verificasse a existência de diferenças nos resultados médios (Pallant, 2011). Para interpretar as medidas do tamanho do efeito, considerou-se os seguintes valores: (1) .01 corresponde a um efeito pequeno; (2) .06 um efeito moderado e (3) .14 um grande efeito (Cohen, 1988, as cited in Pallant, 2011).

De seguida, foram realizados modelos de regressão múltipla para averiguar que variáveis sociodemográficas e familiares prediziam a satisfação

com a vida quer para a amostra total quer para cada uma das subamostras (LGB e heterossexuais). No primeiro bloco, inseriram-se as seguintes variáveis sociodemográficas: (1) género (0 = feminino; 1 = masculino), (2) orientação sexual (0 = LGB; 1 = heterossexual), (3) idade, (4) situação relacional (0 = solteiro/a, separado/a, divorciado/a ou viúvo/a; 1 = numa relação), (5) nível de escolaridade (0 = 12º ano e/ou menos; 1 = ensino superior). No segundo bloco, incluíram-se as dimensões do funcionamento familiar (recursos familiares, comunicação familiar e dificuldades familiares) e a escala total da diferenciação do *self*.

IV – Resultados

4.1. Diferenças nas variáveis familiares em função da orientação sexual

4.1.1. Funcionamento Familiar

Não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre as pessoas LGB e pessoas heterossexuais, nem relativamente à escala total do SCORE-15-FO, nem relativamente às subescalas que a compõem.

Tabela 2. Comparação do funcionamento familiar em pessoas LGB e heterossexuais (teste *t-student*)

	Orientação Sexual	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Recursos Familiares	LGB	189	2.90	1.01	-1.49	316.23	.137
	Heterossexual	161	3.07	1.18			
	Total	350					
Comunicação Familiar	LGB	189	2.91	1.01	-1.48	318.49	.140
	Heterossexual	161	3.08	1.17			
	Total	350					
Dificuldades Familiares	LGB	189	2.87	1.15	-1.43	317.22	.154
	Heterossexual	161	3.06	1.35			
	Total	350					
Funcionamento Familiar	LGB	189	2.89	0.96	-1.58	311.80	.116
	Heterossexual	161	3.07	1.16			
	Total	350					

4.1.2. Diferenciação do *Self*

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre pessoas LGB e pessoas heterossexuais relativamente ao total do DSI-R. Especificamente, as pessoas heterossexuais apresentaram maiores níveis de diferenciação do *self*, quando comparadas com as pessoas LGB. Em relação à magnitude das diferenças dos resultados médios, observa-se um valor de efeito pequeno (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Comparação da diferenciação do *self* em pessoas LGB e heterossexuais (teste *t-Student*)

	Orientação Sexual	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
Diferenciação do <i>Self</i>	LGB	189	3.79	0.81	-3.44	348	.001	0.37
	Heterossexual	161	4.08*	0.75*				
	Total	350						

Nota: * $p < .05$

4.2. Variáveis que influenciam a Satisfação com a Vida

Antes de executar a regressão hierárquica múltipla, procedeu-se ao diagnóstico da colinearidade, através dos valores da Tolerância e do VIF (Pallant, 2011). Segundo a autora, se o valor da Tolerância for inferior .10 e o valor de VIF for superior a 10, significa que poderá haver multicolinearidade. Também, para efetuar este diagnóstico foi conferido se o valor das correlações entre a variável dependente e variáveis independentes, não excedia o valor .7 (cf. Anexo C). Na presente investigação, todos estes indicadores reproduziram resultados dentro dos valores estabelecidos para a multicolinearidade ($r < 0.554$, $p < .05$; amostra total: Tolerância $> .235$; VIF < 4.264 ; participantes LGB: Tolerância $> .274$; VIF < 3.650 ; participantes heterossexuais: Tolerância $> .175$; VIF < 5.713).

Como se pode observar na Tabela 4, este modelo de regressão da satisfação com a vida para a amostra total foi significativo, explicando 25.4% da variância da variável dependente. Observou-se que a situação relacional é um preditor fraco e a variável diferenciação do *self* é um preditor forte da satisfação com a vida. Neste sentido, as pessoas que estão numa relação e que tem níveis mais elevados de diferenciação do *self* estão mais satisfeitas com a vida.

Como objetivo de averiguar se os preditores da satisfação com a vida variam em função da orientação sexual dos/as participantes, realizaram-se dois modelos para as duas orientações sexuais respetivamente. Como se pode verificar através da análise das Tabelas 5 e 6, os preditores escolhidos explicam uma maior porção da variância da satisfação com a vida na amostra de pessoas LGB (34.2%) comparativamente com a amostra de pessoas heterossexuais (13%). Os dois modelos são semelhantes: a situação relacional revela ser uma variável preditora positiva fraca e a diferenciação do *self* é uma variável preditora positiva moderada da satisfação com a vida.

Tabela 4. Análise do modelo de regressão hierárquico múltiplo para variáveis predictoras da satisfação com a vida em função da amostra total

(n= 350)								
Variáveis Predictoras	<i>R</i> ²	<i>R</i> ²	<i>B</i>	<i>EP</i>	95% <i>IC</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
<i>Ajustado</i>								
Bloco 1	.092	.079						
Orientação Sexual			0.764	0.706	[0.624;2.153]	0.057	1.083	.280
Género			-0.750	0.735	[-2.196;0.69]	-0.054	-1.020	.390
Nível de Escolaridade			1.553	0.765	[0.049;3.058]	0.109	2.030	.043
Situação Relacional			2.927	0.713	[1.524;4.330]	0.219	4.104	.000
Idade			0.060	0.034	[-0.007;0.127]	0.096	1.752	.081
Bloco 2	.247	.254						
Orientação Sexual			-0.304	0.653	[-1.588;0.980]	-0.023	-0.465	.642
Género			-1.570	0.669	[-2.885;-0.255]	-0.113	-2.349	.019
Nível de Escolaridade			0.988	0.693	[-0.374;2.351]	0.070	1.427	.155
Situação Relacional			2.367	0.649	[1.090;3.643]	0.177	3.647	.000
Idade			0.041	0.031	[-0.02;0.102]	0.066	1.316	.189
Recursos Familiares			0.398	0.465	[-0.516;1.313]	0.065	0.857	.392
Comunicação Familiar			-0.709	0.587	[-1.864;0.446]	-0.115	-1.207	.228
Dificuldades Familiares			-0.147	0.503	[-1.136;0.842]	-0.027	-0.293	.770
Diferenciação do <i>Self</i>			3.584	0.409	[2.779;4.389]	0.425	8.760	.000

Nota: *EP*= Erro Padrão; *** $p \leq .001$. ** $p \leq .01$. * $p \leq .05$.

Tabela 5. Análise do modelo de regressão hierárquico múltiplo para variáveis preditoras da satisfação com a vida, em função da amostra LGB

(n= 189)								
Variáveis Preditoras	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² <i>Ajustado</i>	<i>B</i>	<i>EP</i>	95% <i>IC</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1	.140	.121						
Género			-0.998	1.008	[-2.986;0.990]	-0.071	-0.990	.323
Nível de Escolaridade			1.873	1.019	[-0.137;3.883]	0.132	1.839	.068
Situação Relacional			3.257	0.981	[1.323;5.192]	0.233	3.322	.001
Idade			0.119	0.048	[0.024;0.214]	0.187	2.472	.014
Bloco 2	.370	.342						
Género								
Nível de Escolaridade			-1.254	0.877	[-2.984;0.477]	-0.089	-1.429	.155
Situação Relacional			1.252	0.898	[-0.520;3.025]	0.088	1.394	.165
Idade			2.668	0.888	[0.915;4.421]	0.191	3.004	.003
Recursos Familiares			0.050	0.043	[-0.035;0.135]	0.079	1.168	.244
Comunicação			0.032	0.626	[-1.204;1.268]	0.005	0.051	.959
Familiar			-0.780	0.775	[-2.310;0.750]	-0.114	-1.006	.316
Dificuldades			0.154	0.662	[-1.151;1.460]	0.026	0.233	.816
Familiares			4.143	0.541	[3.076;5.210]	0.483	7.663	.000
<i>Diferenciação do Self</i>								

Nota: *EP* = Erro Padrão; *** $p \leq .001$. ** $p \leq .01$. * $p \leq .05$.

Tabela 6. Análise do modelo de regressão hierárquico múltiplo para variáveis predictoras da satisfação com a vida, em função da amostra heterossexual

Variáveis Predictoras	<i>(n= 161)</i>		<i>B</i>	<i>EP</i>	<i>95% IC</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² <i>Ajustado</i>						
Bloco 1	.061	.036						
Gênero			-1.098	1.108	[-3.286;1.090]	-0.080	-0.991	.323
Nível de Escolaridade			0.670	1.173	[-1.674;2.987]	0.046	0.571	.569
Situação Relacional			2.665	1.049	[0.594;4.737]	0.207	2.541	.012
Idade			-0.011	0.048	[-0.107;0.085]	-0.018	-0.22	.825
Bloco 2	.173	.130						
Gênero			-2.047	1.096	[-4.212;0.118]	-0.149	-1.868	.064
Nível de Escolaridade			0.613	1.137	[-1.634;2.859]	0.042	0.539	.591
Situação Relacional			2.088	1.024	[0.065;4.111]	0.163	2.039	.043
Idade			0.004	0.047	[-0.090;0.097]	0.006	0.075	.940
Recursos Familiares			0.860	0.725	[-0.572;2.292]	0.159	1.187	.237
Comunicação Familiar			-0.551	0.967	[-2.462;1.360]	-0.100	-0.569	.570
Dificuldades Familiares			-0.581	0.815	[-2.192;1.030]	-0.122	-0.713	.477
Diferenciação do <i>Self</i>			2.674	0.660	[1.371;3.978]	0.312	4.054	.000

Nota: *EP* = Erro Padrão; *** $p \leq .001$. ** $p \leq .01$. * $p \leq .05$.

V - Discussão

A família, enquanto primeiro grupo social, exerce grande influência no desenvolvimento identitário e global dos seus membros (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Na literatura, são escassos os estudos empíricos que relacionam a orientação sexual, enquanto um dos aspetos da sexualidade humana, e o sistema familiar (Frazão & Rosário, 2008). O facto de a literatura investigar pessoas LGB sem considerar o seu contexto familiar, torna redutora a compreensão das experiências deste grupo (Leal, 2004). Por tal, o presente estudo pretendeu explorar diferenças entre pessoas LGB e heterossexuais em função do funcionamento familiar e da diferenciação do *self*, como também procurou identificar variáveis que fossem explicativas da satisfação com a vida em ambos os grupos.

Relativamente à comparação das variáveis do funcionamento familiar, os/as participantes LGB e heterossexuais desta amostra não apresentaram diferenças ao nível dos recursos familiares, da comunicação familiar e das dificuldades familiares. Segunda a literatura, a identificação com uma orientação sexual não-heterossexual desencadeia, frequentemente, uma crise familiar (Kusnetzoff, 1991), no sentido de uma mudança das atitudes e das crenças que potenciam o conflito entre os membros do sistema e que, naturalmente, afeta um funcionamento familiar que seja saudável ou funcional. Assim, o resultado do presente estudo contradiz a investigação de Serrano (2015), que aponta que as relações familiares dos indivíduos LGB e as figuras parentais são pautadas por maior conflito do que os indivíduos heterossexuais, relativamente à comunicação familiar.

A inexistência de diferenças nas variáveis do funcionamento familiar em função da orientação sexual dos/as participantes, pode ser mais bem compreendida se se tiver em consideração o contexto cultural do estudo e as características dos/as participantes. Ao observar o sistema familiar, segundo a perspectiva do modelo ecológico do desenvolvimento humano, de Bronfenbrenner (1979), percebe-se que há uma interdependência das relações entre fatores sociais, culturais e históricos no desenvolvimento do sistema familiar ao longo do tempo (Navarro, 2004). Sabendo-se que a sociedade portuguesa se caracteriza por uma valorização da família (Hofstede, 2011) e que 42% dos dizem que não aceitariam ter um filho *gay* (Eurobarómetro, 2019), podemos nos interrogar se a ausência de diferenças ao nível do

funcionamento familiar não resultará do evitamento dos/as participantes em expressar a sua orientação sexual na presença da família. Neste sentido, alguns estudos indicam que muitas famílias preferem conviver com a orientação sexual dos/as filhos/as, não falando sobre a mesma e evitando o conflito, a fim da manutenção e proteção da estrutura familiar e de garantirem um equilíbrio confortável ao sistema (Perucni et al., 2014; Souza & Silva, 2008; Schulman, 2019). A literatura sugere que este comportamento de evitamento e/ou ocultação pode ser motivado, geralmente, por uma comunicação familiar restrita entre o subsistema parental e filial (Dias & Gomes, 1999), o que nos leva a refletir sobre a não existência de diferenças entre as duas amostras quanto à dimensão da comunicação não resultará. De maneira a obter uma explicação minuciosa deste resultado, é importante relacioná-lo com a etapa de vida em que muitos/as participantes desta investigação se encontram. De facto, a maior parte da amostra tem uma idade compreendida entre os 18 até aos 30 anos, pertencendo à fase da adultez emergente, fase essa que se caracteriza, em Portugal, pela coabitação prolongada dos jovens com os pais e pelo aumento da sua dependência relativamente aos mesmos (Oliveira et al., 2014).

Por outro lado, é possível que os/as participantes do estudo já tenham efetuado o *coming out*, pelo que a ausência de diferenças no funcionamento familiar relativamente aos seus congéneres heterossexuais, reflita uma fase de maior aceitação no seio da família (Savin-Williams, 2001). Por tal, partindo desta suposição, a amostra poderá ter, ao longo deste período, ativado os seus recursos e ter desenvolvido estratégias que os auxiliassem na resolução das dificuldades familiares, por isso, não se verificam diferenças ao nível dos recursos e dificuldades familiares. Neste sentido, algumas investigações sugerem que as relações familiares entre pessoas do mesmo sexo são semelhantes às de pessoas heterossexuais (e.g., Kreston, & Bepko, 1980; Laird, 2000; Nichols, 1990, as cited in Spencer & Brown, 2007), não sendo a orientação sexual um critério diferenciador suficiente para alicerçar estas diferenças (e.g., Freedman, 1971; Gomes & Serôdio, 2014). Em suporte desta explicação há que salientar que estamos perante uma amostra relativamente educada (e.g., quase metade dos pais concluiu o 12º ano) e os/as participantes são residentes, predominantemente, em meio urbano onde poderão conviver

com maior acesso à informação e diversidade, devido ao contacto com maior densidade populacional.

Os/as participantes heterossexuais apresentaram maiores níveis de diferenciação do *self* comparativamente aos seus congéneres LGBs. Uma vez que Bowen (1978) define diferenciação do *self* como a capacidade intelectual e individual de pensar, sentir e raciocinar, mantendo as relações com a família de origem (Kerr & Bowen, 1988), este resultado afigura-se como interpretável. Isto é, se pessoas LGB ocultarem e/ou evitarem a expressão da sua orientação sexual para não comprometerem o equilíbrio familiar, será efetivamente de esperar que os seus níveis de diferenciação do *self* sejam inferiores aos de pessoas heterossexuais. Aparentemente, isto poderá significar que os/as participantes LGB que apresentam valores inferiores de diferenciação poderão temer pelas apreciações desfavoráveis e na tentativa de preservar e proteger o seu *self* e a sua individualidade (Gomes & Serôdio, 2014). Assim, ao evitarem ou ocultarem reforça que estes participantes poderão evidenciar um *pseudoself*, ao se mostrarem pouco confortáveis com a sua identidade na presença de outros, e é provável que estejam vulneráveis a maior permeabilidade à influência dos membros da família de origem (Bowen, 1978; LaSala, 2000). Perante este resultado, compreende-se que as pessoas heterossexuais poderão estar em vantagem relativamente aos seus congéneres LGB por distinguirem com maior facilidade os seus sentimentos dos da família de origem, conservando, desta forma, um *self* sólido na relação com os outros (Skowron, Homes, & Sabatelli, 2003).

Uma outra leitura compreensiva deste resultado assenta na própria maturação do desenvolvimento do *self*, ao longo do tempo, que é consolidado tendencialmente durante a etapa da adultez emergente (Bowen, 1978), à semelhança da faixa etária da amostra (18 e 30 anos). É precisamente nesta etapa do ciclo vital da família, que os/as participantes estão pela primeira vez, a desvincular-se de modo físico e/ou emocional da sua família de origem para o exterior, com base num processo de autodescoberta e de afirmação da sua identidade e autonomia nas suas relações (Bowen, 1978; Carter & McGoldrick, 1995; Nichols & Schwartz, 1984). Para os/as participantes LGB, esta transição resulta como um desafio acrescido, em virtude de uma possível crise familiar (Kusnetzoff, 1991), na medida em que exige uma mudança da

dinâmica familiar quanto aos padrões de relacionamento, das atitudes e das crenças dos elementos da família.

No que concerne às variáveis que predizem a satisfação com a vida, apurou-se que a diferenciação do *self* e a situação relacional são explicativas da satisfação com a vida dos/as participantes LGB e heterossexuais. No entanto, ambas se exibem mais explicativas da satisfação com a vida para com a amostra dos/as participantes LGB.

Primeiramente a este respeito, a literatura concentra-se fortemente a investigar determinados fatores, como a discriminação, *coming out* e outras variáveis psicológicas, que impactam na satisfação com a vida das pessoas LGB (e.g., Domínguez-Fuentes & Isabel, 2012). Por exemplo, o modelo do *stress* minoritário, de Meyer (2003), explica que pessoas LGB estão expostas a experienciar atitudes discriminatórias que afetam, conseqüentemente, o seu bem-estar subjetivo e saúde mental mediante o contexto em que a pessoa se insira. Nesta lógica, o apoio familiar a minorias sexuais em jovens adultos/as, neste caso LGB, mostra-se imprescindível, na medida em que estas pessoas apresentam menor reatividade ao cortisol em resposta a um evento estressor em quando comparação com pessoas com menos suporte parental (Burton, Bonanno, & Hatzenbuehler, 2014; Balsam & Mohr, 2007), Gray & Moore, 2018).

Apesar da escassez de investigações no âmbito da diferenciação do *self* e da satisfação com a vida, as considerações teóricas corroboram a importância da manutenção das relações com a família de origem, particularmente para as pessoas LGB. Ao encontro do resultado obtido no presente estudo, a investigação de Garst (2012), que contou a participação de homens *gays*, aponta que os fatores de discriminação geral se correlacionam significativamente com menores níveis de diferenciação do *self*. Por fim, pode-se verificar que a diferenciação do *self* exerce um papel importante na saúde psicológica dos membros jovens LGB tendo em conta o seu contexto familiar (eg., Chung & Gale, 2008; Fiorini & Bardagi, 2018; Fiorini, Müller & Bolez, 2018).

No que concerne à situação relacional enquanto variável explicativa da satisfação com a vida, observa-se que pessoas que estão numa relação aparentam maior satisfação com a vida. De acordo com a revisão da literatura, a falta de suporte emocional e de apoio familiar pode ser confortada por uma

relação conjugal como forma de compensação e de obtenção de suporte relativamente a fatores de *stress* experienciados, mormente, por pessoas LGB (Meyer, 2003). Quando o sistema familiar se ausenta e se demite da função de suporte e de proteção para com os seus membros, as relações com outros sistemas do exterior poderão ocupar esse seu lugar (Peixoto, 2012). Logo, pessoas que estão num relacionamento afetivo e/ou sexual evidenciam níveis mais elevados de satisfação com a vida e de bem-estar subjetivo (Girme, Overall, Faingataa, & Sibley, 2016).

5.1. Limitações do Estudo e Sugestões para Futuras Investigações

Em primeiro lugar, uma das limitações desta investigação prende-se com a caracterização sociodemográfica da amostra. No presente estudo, não foram apuradas outras variáveis (e.g., etnia e/ou “raça”) que auxiliassem na compreensão dos resultados obtidos. Neste quadro, surge a teoria da interseccionalidade, fundamental para a avaliação da sobreposição de múltiplas identidades ou categorias sociais das variáveis em falta, como a etnia e classe social, e que são representativas de desigualdade ou discriminação social (Nogueira & Oliveira, 2010). Por exemplo, ser simultaneamente mulher/homem, negro/a e *gay*/lésbica, e perceber como estas categorias (género, “raça” e orientação sexual) moldam e interferem nas experiências do indivíduo e na relação com o seu sistema familiar.

Outra limitação deste estudo assenta no tratamento de pessoas LGB enquanto um único grupo. Ou seja, assumir esta subamostra como um grupo homogéneo poderá ter introduzido um viés nesta investigação, pelo facto de não terem sido analisadas, individualmente, as mulheres lésbicas, os homens *gays* e as pessoas bissexuais. Além disso, não há representatividade da amostra, uma vez que não se verifica equitatividade entre as classes etárias e se desconhece a classe social dos/as participantes.

Quanto a futuras investigações, sugere-se dar continuidade ao estudo do funcionamento familiar e da diferenciação do *self* em pessoas lésbicas, *gays* e bissexuais. E, principalmente, são necessários estudos que incluam pessoas bissexuais, pois, segundo a revisão de literatura, o conceito de diferenciação do *self* é investigado somente com indivíduos heterossexuais e homossexuais (Spencer & Brown, 2007). Consta-se, também, que grande parte da investigação científica no âmbito familiar, se restringe a modelos

teóricos e intervenções psicológicas que reconhecem somente a heterossexualidade como a norma (OPP, 2017). Em alternativa, seria útil incorporar outras variáveis que aprimorassem o entendimento da população LGB, nomeadamente sobre variáveis culturais, (e.g., etnia, “raça”, classe social e género) e relacioná-las com outros construtos teóricos, tais como a resiliência e a congruência. Por fim, em estudos futuros seria uma vantagem utilizar outro método de estudo, particularmente o qualitativo, a fim de obter uma melhor compreensão da influência do funcionamento familiar e da diferenciação do *self* na satisfação com a vida. Tendo em conta que nesta investigação não se avaliou se os/as participantes já tinham efetuado o seu *coming out*, a investigação do papel mediador ou moderador desta variável é uma pista importante para estudos futuros.

VI - Conclusões

A investigação aqui presente pretende contribuir para o aprofundamento do estudo do funcionamento familiar, da diferenciação do *self* e da satisfação com a vida em indivíduos LGB e heterossexuais. Este estudo procurou, também, enriquecer o conhecimento científico sobre a temática LGB e o contexto familiar em Portugal, fornecendo pistas para a prática clínica e para a promoção da saúde mental.

Dos resultados obtidos, as principais conclusões que se retiram deste estudo suportam que a perceção de que as relações familiares entre pessoas do mesmo sexo são semelhantes às das pessoas heterossexuais (Spencer & Brown, 2007), devido à não existência de diferenças entre pessoas LGB e heterossexuais relativamente ao funcionamento familiar. Em contrapartida, observa-se que pessoas LGB apresentam níveis mais baixos de diferenciação do *self* relativamente à sua família de origem, remetendo-nos, então, a refletir a possível influência de um pacto de silêncio em que como a orientação sexual é omitida ou ocultada no sistema familiar (Souza & Silva, 2008; Schuman, 2009). Assim, outro aspeto importante permite-nos afirmar que pessoas LGB que se encontram num relacionamento apresentam maior satisfação com a vida. Isto que pode presumivelmente derivar de uma necessidade de compensação ao nível emocional/físico, devido à qualidade da sua relação com os membros da sua família (Peixoto, 2012).

Outro aspeto importante a destacar diz respeito ao poder explicativo da diferenciação do *self* enquanto variável preditora da satisfação com a vida, na subamostra de pessoas LGB. Este resultado obtido enfatiza, teoricamente, a importância da diferenciação do *self* dado o seu carácter universal (Bowen, 1978), fundamentando o impacto do mesmo na saúde psicológica dos/as participantes (eg., Chung & Gale, 2008; Fiorini & Bardagi, 2018; Fiorini, Müller & Bolez, 2018). Por fim, permite-nos inferir que os/as participantes LGB, desta investigação, preservam a sua própria autonomia, o seu funcionamento emocional, intelectual e sua intimidade na relação com a sua família (Kerr & Bowen, 1988; Skowron & Friedlander, 1998). Se o fazem porque ocultam ou silenciam a sua orientação sexual (Souza & Silva, 2008; Schuman, 2009) é uma questão a ser analisada em estudos futuros.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- American Psychological Association. (1973). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (2nd ed.). Washington, DC: Author.
- American Psychological Association. (2015). *APA dictionary of psychology* (2nd ed.). Washington, DC: Author.
- Arrieta, S. A., & Palladino, J. M. (2015). A multiple-case study of special education. Teachers' approaches to LGBT students with emotional behavior disabilities. *Journal of Ethnographic & Qualitative Research*, 10(1).
- Baiocco, R., Fontanesi, L., Santamaria, F., Ioverno, S., Marasco, B., Baumgartner, E., Willoughby, L. B. B., & Laghi, F. (2015). Negative parental responses to coming out and family functioning in sample of lesbian and gay young adults. *Journal of Child and Family Studies*, 24(5), 1490-1500.
- Balsam, K. F., & Mohr, J. J. (2007). Adaptação ao Estigma de Orientação Sexual: Uma comparação de adultos bissexuais e lésbicas/gays. *Revista de Psicologia do Aconselhamento*, 54(3), 306-319. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.54.3.306>.
- Barros, A. M. (1985). Locus de controlo: Antecedentes e sua relação com a realização escolar. *Jornal de Psicologia*, 4(4), 14-18.
- Bohan, J. (1996). *Psychology and sexual orientation: coming to terms*. New York: Routledge.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bregman, H. R., Malik, N. M., Page, M. J., Makynen, E., & Lindahl, K. M. (2013). Identity profiles in lesbian, gay, and bisexual youth: The role of family influences. *Journal of youth and adolescence*, 42(3), 417-430.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development. Experiments by nature and design*. Harvey University Press. doi:10.1017/CBO9781107415324.004
- Burton, C. L., Bonanno, G. A., & Hatzenbuehler, M. L. (2014). Familial social support predicts a reduced cortisol response to stress in sexual minority young adults. *Psychoneuroendocrinology*, 47, 241-245.

- Carneiro, N. (2009). *Homossexualidades- uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. Porto: Legis Editora/Livpsic.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. IB. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, 16–23. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, 219-235.
- Chung, H., & Gale, J. (2009). Family functioning and self-differentiation: A cross-cultural examination. *Contemporary Family Therapy*, 31(1), 19-33.
- Clarke, V., Ellis, S. J., Peel, E., & Riggs, D. W. (2010). *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: An introduction*. Cambridge University Press.
- Cohler, B.J., & Hammack, P.L. (2007) The psychological world of the gay teenager: social change, narrative, and ‘normality’. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(1), 47–59.
- Cruz, D., Narciso, I., Pereira, C. R., & Sampaio, D. (2014). Risk Trajectories of Self-Destructiveness in Adolescence: Family Core Influences. *Journal of Child and Family Studies*, 23(7), 1172–1181. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9777-3>
- Diamond, L. M. (2006) *What we got wrong about sexuality and gender identity development: unexpected findings from a longitudinal study of young women*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de psicologia (Natal)*, 4(1), 79-106.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personal Assess*, 49(1), 71-75.
- Eurobarometer (2019). The Social Acceptance of LGBTI People in the Europe. Available online at: http://ec.europa.eu/info/sites/info/files/ebs_493_data_fact_lgbti_eu_en-1.pdf (accessed November 15, 2019).

- Ferreira (2012). *The "Closet Exit": Um estudo exploratório com mães e pais lésbicas e gays*. (Dissertação de Mestrado, Escola de Psicologia da Universidade do Minho).
- Fiorini, M. C., & Bardagi, M. P. (2018). Funcionamento Familiar, Diferenciação do Self e Adaptabilidade de Carreira de Universitários Brasileiros. *Psicología desde el Caribe*.
- Fiorini, M.C., Müller, F.G., Dill, S., & Bolze, A. (2018). Auto-Diferenciação: Análise integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando Famílias*, 22(1), 146-162.
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1(26), 25-45.
- Freedman, M. J. (1971). *Homosexuality and psychological functioning*. California: Brooks/Cole.
- Garst, M. L. (2012). *Fusion in lesbian relationships: The relationship between differentiation of self and gay stressors* (Dissertação de doutoramento, Oklahoma State University).
- Gillespie, B. J., Frederick, D., Harari, L., & Grov, C. (2015). Homophily, close friendship, and life satisfaction among gay, lesbian, heterosexual, and bisexual men and women. *PloSone*, 10(6).
- Goodrich, K. M., & Gilbride, D. D. (2010). The refinement and validation of a model of family functioning after child's disclosure as lesbian, gay, or bisexual. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 4(2), 92-121.
- Gravetter, F. J., & Wallnau, L. B. (2014). *Essential of statistics for the behavioral sciences* (8th ed.). Belmont, CA: Wadsworth Cengage Learning
- Gray, A. L., & Moore, E. W. (2018). Understanding the relationship between sexual identity, life satisfaction, psychological well-being, and online community use. *Moder Psychological Studies*, 23(2), 4.
- Gurevich, M., Bower, J., Mathieson, C. M., & Dhayanandhan, B. (2007). What do they look like and are they among us? Bisexuality, (dis)closure and (un) viability. *Out in psychology: Lesbian, gay, bisexual, trans and queer perspectives*, 217-241.
- Henrickson, M. (2008). *Deferring Identity and Social Role in Lesbian Gay and Bisexual New Zealanders*, 27(2), 169–181. doi.org/10.1080/02615470701709626

- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. *Online readings in psychology and culture*, 2(1), 1-26.
- Hu, X., & Wang, Y. (2013). Preocupação de Aceitação e Satisfação de Vida para LGBs chineses: O papel mediador do auto-ocultação, 687–701. <https://doi.org/10.1007/s11205-012-0168-8>
- Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27(2), 251-261.
- Kerr, M., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation*. New York: Norton.
- Kerr, Michael E. (2020). *A história de uma família: uma cartilha sobre a teoria de Bowen*. O Centro Bowen para o Estudo da Família. Disponível em: <http://www.thebowncenter.org>.
- Kurashige, K. D., & dos Reis, A. F. (2015). O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. *Interfaces da Educação*, 1(3), 93-102.
- Kusnetzoff, J. C. (1991). Crisis ela familia por explicitación de la homosexualidad de uno de sus integrantes: formas de presentación, informaciones, contención psicológica. *Perspectivas sistémicas*, 16.
- LaSala, M. C. (2000). Lesbians, gay men, and their parents: Family therapy for the coming-out crisis. *Family process*, 39(1), 67-81.
- Leal, I. (2004). *Parentalidades. Questões de género e orientação sexual*. In A. F. Cascais (Org.), *Indisciplinar a Teoria: Estudos Gays*
- Major, S., Rodríguez González, M., Miranda, C., Rousselot, M., & Relvas, A. (2014). Inventário de diferenciação do Self-Revisto (IDS-R). *Avaliação familiar: Funcionamento e intervenção*, 1, 71-96.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS* (3ª ed.) Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, E. M. D. A., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (2008). Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, 19(2), 181-197.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674–697. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S., Lee, W. Y., & Simon, G. M. (2008). *Dominar a terapia familiar*. Editora: Artmed.
- Moleiro, C., Raposo, C. S., Moita, G., Pereira, H., Gato, J., Silva, M., & Neves, S. (2017). Guia Orientador da Intervenção Psicológica Com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT). *Ordem dos Psicólogos Portugueses*.
- Morais, A. L. S. (2016). *Gestão da visibilidade LGB no contexto do ensino superior*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora).
- Navarro, S. (2004). *Creando (con)textos para una accion ecológica*. Madrid: Editorial CCS
- Neto, F. (1993). Satisfactiowith life among Portuguese adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(2), 125-134. <http://dx.doi.org/10.1007/BF01536648>
- Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida, R. Santiago, P. Silva. L. Oliveira, O. Caetano & J. Marques (Eds.) *A acção educativa: Análise psicossocial*, 91-100. Leiria: ESEL./APPORT.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1984). *Family therapy: Concepts and methods*. New York: Gardner Press.
- Oliveira, C. A. N., de Sá Machado, F. L. B., & Neves, S. (2012). Amor parental (in) condicional: estudo sobre a influência da percepção da aceitação/rejeição parental em homossexuais, lésbicas e bissexuais. *Coming-out for LGBT*, 89-97.
- Oliveira, J. E., Mendonça, M., Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2014). Family support in the transition to adulthood in Portugal—Its effects on identity capital development, uncertainty management and psychological well-being. *Journal of adolescence*, 37(8), 1449-1462.
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (4nd ed.). Austrália: Allen & Unwin.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction with Life Scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164-172.

- Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life? *The American Journal of Family Therapy*, 36(5), 388-401.
- Queba, J. (2014). *Validação do SCORE-15 no funcionamento familiar da população angolana nos estudos realizados em sujeitos com epilepsia, malária, VIH-SIDA, tuberculose e comunidade na província da Huíla-Lubango* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra).
- Relvas, A. P., Baião-Tragedo, T., Fonseca, G., Vilaça, M., & Silva, J. T. (2017). *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO)*. Manuscrito submetido para publicação.
- Relvas, A. P., Fonseca, G., Baião-Tragedo, T., Major, S., & Rodriguez-González, M. (2017). *Inventário da Diferenciação do Self-Revisto*. Manuscrito submetido para publicação.
- Rice, K. (2015). Pansexuality. In P. Whelohan, & A. Bolin (Eds.), *The International Encyclopedia of Human Sexuality*, 861–1042. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell.
- Rocha, M. P. (2018). *Estudos de validação do Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO) numa amostra de Adultos Portugueses*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra).
- Saavedra, L., & Ferreira, A. D. A. (2013). *A reconstrução identitária das figuras parentais no coming out dos filhos e filhas: Sugestões para a intervenção*.
- Savin-Williams, R. C. (1988). Theoretical perspectives accounting for adolescent homosexuality. *Journal of Adolescent Health Care*, 9(2), 95-104.
- Savin-Williams, R. C. (2001) A critique of research on sexual-minority youths. *Journal of Adolescence*, 24(1), 5–13.
- Serrano, B. E. R. (2015). *Perceção de solidariedade familiar e esperança: variações em função do género e da orientação sexual*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto).
- Simões, A., Simoes, A., & Simões, P. A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS).

- Skowron, E. A., & Friedlander, M. (1998). The differentiation of self inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology, 28*, 235–246.
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of marital and family therapy, 29*(2), 209-222.
- Skowron, E. A., Holmes, S., E., & Sabatelli, R. M. (2003). Deconstructing differentiation: Self regulation, interdependent relating, and well-being in adulthood. *Contemporary Family Therapy, 25*(1), 111-129.
- Sloan, D., & van Dierendonck, D. (2016). Item selection and validation of a brief, 20-item version of the Differentiation of Self Inventory-Revised. *Personality and Individual Differences, 97*, 146-150.
- Souza, J. D., Abade, F., Migliorini, P., Silva C. D., & Furtado, E. F. (2011). Avaliação do funcionamento familiar no contexto da saúde mental. *Archives of Clinical Psychiatry, 38*(6), 254-259.
- Spencer, B., & Brown, J. (2007). Fusion or internalized homophobia? A pilot study of Bowen's differentiation of self hypothesis with lesbian couples. *Family Process, 46*(2), 257-268.
- Vilaça, M., Silva J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas e S. Major (Coord.), *Instrumentos de Avaliação Familiar – Funcionamento e Intervenção*.
- Weiss, J.T. (2004). GL vs. BT: The archaeology of biphobia and transphobia with in the US gay and lesbian community. *Journal of Bisexuality, 3*(1), 25–55.
- Williamson, D. S., & Bray, J. H. (1988). Family development and change across the generations: An intergenerational perspective. *Family transitions: Continuity and change over the life cycle, 357-384*.
- Willoughby, B.L.B., Doty, N.D., & Malik, N.M. (2008). Parental reactions to their child's sexual orientation disclosure: a family stress perspective. *Parenting: Science and Practice, 8*, 70–91.

Anexos

Anexo A – Apresentação do Estudo e Consentimento Informado



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Caro/a Participante:

Vimos pedir a sua colaboração para o estudo “FAMS_Rainbow: Família/s, Identidade/s e Satisfação com a Vida”, que está a ser desenvolvido por uma equipa de investigadores das Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação das Universidades de Coimbra (FPCEUC) e do Porto (FPCEUP), no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na área de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar da FPCEUC.

Qual o objetivo do estudo?

Conhecer a relação entre variáveis familiares e a satisfação geral com vida, tendo em consideração a orientação sexual dos/as participantes.

Quem pode participar?

Qualquer pessoa residente em Portugal, com idade igual ou superior a 18 anos. TODAS AS PESSOAS PODEM PARTICIPAR INDEPENDENTEMENTE DA SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL, isto é, sejam heterossexuais ou LGB (lésbicas, gays ou bissexuais). Dado que a investigação em Portugal com pessoas LGBT+ é ainda escassa, apelamos especialmente à participação e divulgação do estudo junto destas pessoas.

Como posso participar?

Após preencher o consentimento informado, pedimos que responda a um conjunto de questões. Será questionado/a acerca de aspetos relacionados com a sua vida pessoal e familiar. Não existem respostas certas ou erradas, o importante é que as suas respostas expressem o que pensa, sente ou faz. O tempo médio de preenchimento é de 10 a 15 minutos.

Como serão tratados os dados recolhidos?

Os dados recolhidos serão tratados em conjunto pelos investigadores da equipa, estando garantida a confidencialidade das respostas. Relembramos que a sua participação é voluntária e poderá desistir da mesma a qualquer momento.

Para esclarecer eventuais dúvidas, fazer sugestões e/ou conhecer os resultados do estudo poderá contactar a equipa de investigação através do e-mail projtofamsrainbow@gmail.com

Se aceitar participar neste projeto de investigação, por favor coloque um (X) no quadrado abaixo:

- Declaro que tomei conhecimento das informações acima prestadas e que quero dar o meu contributo neste projeto de investigação.

O seu contributo é extremamente importante para o prosseguimento deste estudo.

Como tal, **agradecemos a sua disponibilidade e colaboração.**

A equipa de investigação:

Ana Paula Relvas
Ana Rita Leonardo
Jorge Gato
Luciana Sotero
Raquel Bastos

Anexo B – Estudo Piloto: Registo das Entrevistas

Participante	Masculino. 24 anos. Homossexual. Professor Universitário.
Tempo médio de resposta	15 minutos (diz ser o adequado).
Introdução (objetivo, instruções de preenchimento, ...)	Está perceptível. <ul style="list-style-type: none"> • Acrescentou as siglas da faculdade; • Objetivo: repetição “pessoas LGB”.
Itens dos questionários (clareza, adequação, redundância, sugestões de reformulação)	Está perceptível. <ul style="list-style-type: none"> • Questionário sociodemográfico: transgénero/transsexual. • Escala da Congruência (“os itens de Deus”) não fazem sentido. • Satisfação com a Vida (“satisfação com diversos aspetos da vida”) - que aspetos “diversos aspetos da vida” são esses, uma vez que a escala tem questões muito genéricas.
Observações	Sugeri 2 versões: uma para a amostra LGB e outra para a heterossexual (com questões: “se fosse homossexual a minha vida seria melhor se...”).

Participante	Masculino. 21. Homossexual. Licenciado, Prof. de Música.
Tempo médio de resposta	15 minutos.
Introdução (objetivo, instruções de preenchimento, ...)	Objetivo é confuso. <ul style="list-style-type: none"> • Motivo: se pretendem estudar a população LGB não faz sentido alargar à população heterossexual. O estudo vai cair em comparar a amostra heterossexual vs LGB. A restante introdução está clara.
Itens dos questionários (clareza, adequação, redundância, sugestões de reformulação)	Está bom. <ul style="list-style-type: none"> • Escala Congruência: itens que falem sobre Deus/Universal- não fazem sentido.
Observações	Não incluir amostra heterossexual.

Anexo C – Tabelas de Correlação

Tabela 7. Correlações entre variáveis independentes e a satisfação com a vida da amostra total

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1 Satisfação com a Vida	-									
2 Orientação Sexual	.038	-								
3 Género	-.058	-.100	-							
4 N. Escolaridade	.169	.133	-.130	-						
5 Situação Relacional	.245***	-.146	.000	.119***	-					
6 Idade	.153	-.071	.169	.197	.221***	-				
7 Recursos Familiares	-.045	.081	-.051	.017	.034	-.001	-			
8 Comunicação Familiar	-.106	.080	-.030	-.011	.051	-.011	.769***	-		
9 Dificuldades Familiares	-.092	.077	-.049	.012	.003	-.087	.758	.850	-	
10 Diferenciação do Self	.449***	.181**	.117	.122	.107	.113	-.028	-.064	-.036	-

Nota: *** $p \leq .001$. ** $p \leq .01$. * $p \leq .05$.

Tabela 8. Correlações entre variáveis independentes e a satisfação com a vida na subamostra

LGB									
Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1 Satisfação com a Vida	-								
2 Género	-.003	-							
3 N. Escolaridade	.213	-.050	-						
4 Situação Relacional	.277***	.105	.108	-					
5 Idade	.251***	.272	.277***	.202	-				
6 Recursos Familiares	-.098	-.052	.093	-.001	-.008	-			
7 Comunicação	-.129	-.067	-.026	.093	-.033	.721***	-		
Familiar									
8 Dificuldades Familiares	-.122	-.043	-.001	-.068	-.106	.712**	.808***	-	
9 Diferenciação do <i>Self</i>	.554***	.090	.153	.172	.274***	-.106	-.122	-.087	-

Nota: *** $p \leq .001$. ** $p \leq .01$. * $p \leq .05$.

Tabela 9. Correlações entre variáveis independentes e a satisfação com a vida na subamostra

heterossexual									
Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1 Satisfação com a Vida	-								
2 Género	-.124	-							
3 N. Escolaridade	.100	-.213	-						
4 Situação Relacional	.225	-.164	.186	-					
5 Idade	.033	.026	.117	.228	-				
6 Recursos Familiares	.005	-.035	-.090	.093	.018	-			
7 Comunicação	-.090	.025	-.017	.033	.023	.807***	-		
Familiar									
8 Dificuldades Familiares	-.067	-.040	.004	.098	-.058	.794***	.885***	-	
9 Diferenciação do <i>Self</i>	.307***	.202	.025	.094	-.060	.023	-.035	-.013	-

Nota: *** $p \leq .001$. ** $p \leq .01$. * $p \leq .05$.